

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Christian Zacharias direção musical
Tamás Bartók oboé

8 dez 2023 · 21:00 Sala Suggia

ANO ALEMANHA



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



Concerto em memória de Theo Ellegiers 1957-2023

Violetista da Orquestra Sinfónica do Porto
Casa da Música

Natural da Holanda, Theo Ellegiers integrou a Orquestra Clássica do Porto, hoje Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, em 1994. Permaneceu nos quadros da Orquestra até ao seu recente falecimento. A Casa da Música presta-lhe uma merecida homenagem neste concerto daquela que era a sua Orquestra e estende as mais sentidas condolências aos seus familiares e amigos.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

Robert Schumann

Abertura, Scherzo e Finale, op. 52 (1841; rev.1845; c.17min)

1. Overture: Andante con moto — Allegro
2. Scherzo: Vivo
3. Finale: Allegro molto vivace

Joseph Haydn

Concerto para oboé e orquestra em Dó maior, Hob VIIc:1 (c.1790-1800; c.23min)

1. Allegro spiritoso
2. Andante
3. Rondo: Allegretto

2ª PARTE

Robert Schumann

Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, op. 97, “Renana” (1850; c.35min)

1. Lebhaft [Vivo]
2. Scherzo: Sehr mäßig [Muito moderado]
3. Nicht schnell [Não rápido]
4. Feierlich [Solene]
5. Lebhaft [Vivo]

Robert Schumann

ZWICKAU, 1810 – ENDENICH, 1856

Robert Schumann é certamente um dos compositores mais interessantes do século XIX e uma figura incontornável do Romantismo. Compositor e maestro, desempenhou um papel fundamental também enquanto crítico musical. Director da revista *Neue Zeitschrift für Musik*, desenvolveu a ideia da música como um meio de expressão pessoal; divulgou a obra de compositores seus contemporâneos como Mendelssohn, Chopin, Brahms ou John Field; promoveu a memória de compositores do passado como Bach ou Mozart; e, nomeadamente através das personagens da sua *Davidsbünd* (“Liga de David”), criou polémicas em torno de figuras como Liszt ou Wagner, que em muito enriqueceriam o debate sobre o Romantismo musical.

Filho de Johanna Christiana Schumann e de Friedrich August Schumann (editor-livreiro de profissão, escritor de novelas góticas, e amante da obra literária dos poetas e novelistas românticos e pré-românticos, como Sir Walter Scott ou Lord Byron), Robert Schumann desde cedo aliou a composição à literatura, a par com o estudo de órgão e piano. Em 1819, assistiu com o seu pai a um recital de Moscheles que lhe deixou uma forte impressão, apenas secundada pelo impacto de Paganini, anos mais tarde.

Em 1826, o suicídio da sua irmã Emilie e a morte do pai constituíram um momento marcante na adolescência do compositor, pela perda, pelo espectro da doença mental e pelas consequências na sua vida: sob insistência da mãe, preocupada com o futuro dos seus quatro filhos, Robert mudou-se para Leipzig, em 1828, para frequentar o curso de Direito. Aí, contudo, dedicou-se sobretudo à composição com Heinrich Dorn, então director do Teatro

de Ópera, bem como ao piano com Friedrich Wieck, tendo como objectivo prosseguir uma carreira pianística que nunca chegou a atingir. Uma lesão na mão direita afastou-o definitivamente do seu intento, passando a composição e a crítica musical a constituir o centro dos seus interesses.

A partir de 1837, a paixão por Clara Wieck, prodigiosa pianista e filha do seu professor de piano, alcançou proporções que levaram Schumann a proceder a uma acção legal contra Friedrich Wieck, após anos de entraves deste ao relacionamento entre os dois jovens. O casamento teve lugar, por fim, em 12 de Setembro de 1840, ano que se revelou de grande produtividade musical para o compositor: neste *Liederjahre* escreveu cerca de 140 *Lieder*, entre os quais os ciclos *Liederkreis*; *Frauenliebe und Leben* (*Amor e vida de uma mulher*) e *Dichterliebe* (*Amores de poeta*), com a característica schumaniana da equiparação entre o papel da voz e o da escrita pianística. Desenvolvendo um verdadeiro “sistema de géneros” — dedicava-se durante períodos intensivos a determinadas formações instrumentais —, em 1841 Schumann voltou-se para a música orquestral, sob grande incentivo de Clara. Por seu turno, 1842 seria o ano da música de câmara: após análises dos quartetos de Haydn e de Mozart, escreveu uma série de três quartetos de cordas, quartetos com piano, bem como um quinteto.

Da biografia de Schumann farão ainda parte as estadias em Dresden e Düsseldorf, as digressões com a Clara Schumann, a proximidade familiar com o jovem Johannes Brahms, bem como uma trágica fase final (por entre alucinações auditivas e uma derradeira tentativa de suicídio no rio Reno, a 6 de Fevereiro de 1854). Esta levá-lo-ia ao internamento no hospício de Endenich, perto de Bona, onde permaneceria até à sua morte, em 29 de Julho de 1856.

Abertura, Scherzo e Finale, op. 52

A *Abertura, Scherzo e Finale*, op. 52, foi composta num momento efusivo, pouco depois do casamento de Robert Schumann com Clara Wieck. Logo em Janeiro de 1841, e em conjunto com a sua esposa, escrevia o inspirado ciclo de canções *Liebesfrühling*, sobre poemas de Rückert. De seguida, iniciando o seu “ano sinfónico” e num gesto de dedicação à escrita orquestral, compôs a Sinfonia n.º 1, “Primavera”, op. 38, bastante aplaudida na sua primeira apresentação pela Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, sob a direcção do seu amigo Mendelssohn; aquela que viria a ser a Sinfonia n.º 4, op. 120 (terminada apenas em 1851, após uma série de revisões); e ainda a Fantasia para piano e orquestra em Lá menor, que viria a desembocar, anos mais tarde, no Concerto para piano, op. 54. Na verdade, Schumann começava aqui a aplicar o método de trabalho que o acompanharia ao longo da vida: uma escrita rápida do desenho global da obra, já com as texturas orquestrais desejadas, mas que obedecia a apresentações prévias e sucessivas revisões, muitas vezes ao longo de vários anos, e *pari passu* com a escrita de outras peças.

Composta em Abril de 1841, em apenas quatro dias, a *Abertura* que encabeça este op. 52 foi pensada inicialmente como uma peça independente. Na verdade, foi só após a conclusão da sua orquestração que Schumann decidiu compor os restantes andamentos: o *Scherzo* e o *Finale*, que deu por terminados em Maio. Tratando-se, de algum modo, de uma forma sinfónica sem o andamento lento (segundo o próprio compositor), as várias secções poderiam inclusivamente ser interpretadas em separado. Com um primeiro título que remetia para a ideia de *Suite* ou *Symphonette*, a obra estreou em

Leipzig, na Gewandhaus, a 6 de Dezembro de 1841, num concerto que incluía ainda a *performance* pianística de Franz Liszt e Clara Wieck Schumann. Contudo, dada a recepção não muito calorosa por parte do público e a insatisfação do compositor, a *Abertura, Scherzo e Finale* viria a sofrer ainda uma série de revisões em 1845, sendo finalmente publicada em 1846.

A *Abertura* (“Andante con moto — Allegro”) inicia com uma introdução lenta na tonalidade de Mi menor, construída sobre dois temas, no violino e no violoncelo, que se apresentam como o material da tradicional forma sonata subjacente ao andamento. Apresentados os materiais musicais que circularão ao longo da obra, a secção “Allegro” modula de seguida para Mi maior. O *Scherzo* (“Vivo”) que constitui o segundo andamento assenta num trio com dupla repetição, levando a uma *coda* que recupera o tema do “Allegro” da *Abertura*: o tema inicial, em ritmo pontuado, precede o carácter mais lírico da secção que constitui o trio. O *Finale* (“Molto vivace”) associa simultaneamente traços da forma sonata e da fuga, recuperando uma vez mais os materiais musicais anteriores, e terminando a obra de forma incisiva e determinada.

Joseph Haydn

ROHRAU, 1732 – VIENA, 1809

Joseph Haydn foi uma figura central no que diz respeito à concepção e definição das formas instrumentais e orquestrais que hoje consideramos como clássicas, nomeadamente a sinfonia, o concerto e o quarteto de cordas. A sua vida e obra revelam uma curiosa particularidade no contexto da história da música ocidental, pela perfeita ligação ao seu tempo e pela bem-sucedida adaptação às condições sociais do momento em que viveu. Considerado o mais influente compositor sinfónico da segunda metade do século XVIII, definiu e estabeleceu, de algum modo, este género para a posteridade: por um lado, porque criou um invulgar e impressionante corpo de obras que se revelou incontornável na fixação e standardização da sinfonia; por outro, porque a retirou do uso exclusivo do salão aristocrático, dando-a a conhecer na esfera pública, sobretudo a partir das suas viagens a Paris e a Londres, desde a década de 1780.

Do prolífero catálogo de Haydn (que ainda hoje apresenta inúmeras indefinições, nomeadamente pela quantidade de obras que lhe foram erroneamente atribuídas) fazem parte 104 sinfonias, 68 quartetos para cordas, aberturas, divertimentos, serenatas, trios para *baryton*, trios com piano, 47 sonatas para piano, canções, árias, cantatas, missas (entre as quais a *Missa de Santa Cecília* e a *Missa Mariazeller*), 26 óperas e quatro oratórias (como *O Regresso de Tobias*, *A Criação*, *As Estações*).

Concerto para oboé e orquestra em Dó maior, Hob VIIg:C1

O Concerto para oboé em Dó maior (catalogado como Hob VIIg:C1) terá muito provavelmente sido composto algures entre 1790 e 1800. Resta-nos perceber exactamente por quem, uma vez que têm surgido manifestas dúvidas em relação à sua autoria. Se é verdade que consta do extensivo e informado catálogo de Anthony Hoboken (*Joseph Haydn: Thematisch-bibliographisches Werkverzeichnis*, terminado apenas em 1978), este concerto não surge como parte das listas catalográficas realizadas pelo próprio Haydn, estudadas posteriormente. E mesmo na partitura “original”, o nome de Joseph Haydn parece ter sido acrescentado *a posteriori*.

Compositores como Ignaz Malzat, também ele oboísta, e membros das famílias Stamitz ou Kozeluch têm surgido como hipóteses para a autoria desta obra, sem que se tenha chegado a qualquer conclusão definitiva. Junta-se assim o Concerto para oboé à dúzia de obras (concertos para violino, violoncelo, flauta e trompa) cuja autoria pela mão de Haydn tem vindo a ser questionada.

Este Concerto assenta em três andamentos (“Allegro spiritoso”, “Andante” e “Rondo: Allegretto”) e corresponde ao modelo clássico dos concertos para sopros, tratando-se de uma obra que podemos situar dentro dos cânones tradicionais da época. A orquestra compreende dois oboés, duas trompas, dois trompetes, tímpanos e cordas que, no seu conjunto, conferem, por vezes, um tom “militar” ou de “marcha” muito ao gosto do seu tempo e que, de resto, encontramos amiúde noutras obras de Haydn.

O “Allegro spiritoso”, que tem início com uma introdução orquestral, faz uso das possibilidades técnicas do instrumento, nomea-

damente do lirismo a que associamos o oboé. Não obstante, o andamento recorre também a passagens de grande virtuosismo, recheadas de escalas e ornamentação, que estarão patentes em toda a peça. O “Andante” que constitui o segundo andamento garante à obra eloquência e um carácter arioso que antecede o “Rondo: Allegretto” final, de grande agilidade técnica e bravura.

A elegância, a graciosidade, o ambiente de alegria e ligeireza, bem como o fino sentido de humor que caracterizam a escrita de Haydn estão presentes nesta obra que se afirma como um marco no repertório do oboé. Mesmo na evidência de a obra não ser da sua autoria, estamos em crer que Haydn teria certamente apreciado a sua escrita, bem como toda esta ironia.

Robert Schumann

Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, op. 97, “Renana”

Depois de uma conturbada estadia em Dresden, marcada pelas insurreições de 1848, a família Schumann transferiu-se em 1850 para Düsseldorf, onde Robert, a convite de Ferdinand Hiller, foi efusivamente recebido como o novo maestro — facto que o estimulou para mais um período de grande criatividade. Era a primeira vez que saía da zona da Saxónia, e o cargo de director municipal de música incumbia-o agora de dirigir a orquestra e o coro do *Allgemeiner Musikverein* na sua série de concertos de subscrição anual, bem como de supervisionar a música das igrejas de São Maximiliano e São Lambertus. Esta estadia em Düsseldorf duraria apenas até 1853, altura em que Schumann apresentou a sua demissão, entre vários

conflitos profissionais e instabilidade pessoal, o que não infirmou de todo a relevância e o interesse da sua produção. São desta fase o Concerto para violoncelo, op. 129; o “conto de fadas musical” *Der Rose Pilgerfahrt*, op. 112 (*A Peregrinação das Rosas*) para vozes solistas, coro e orquestra; ou *Drei Fantasiestücke*, op. 111, a que retornam as personagens Florestan, Eusebius e Kreisler, conhecidas desde a *Davidsbünd*.

A Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, op. 97, “Renana” (“Rheinische”), foi composta entre 2 de Novembro e 9 de Dezembro de 1850, sendo publicada em 1851 — ano da sua primeira interpretação, em Düsseldorf, a 6 de Fevereiro, sob a direcção do próprio Schumann e com considerável sucesso. Na verdade, trata-se da última sinfonia que Schumann compôs e pode ser considerada um marco importante na escrita sinfónica, respondendo com veemência às reticências e críticas que a sua música orquestral suscitara tantas vezes.

“Episódios da vida do Reno” teria sido o subtítulo inicialmente previsto para esta sinfonia, inspirada no Reno enquanto berço de imaginário e lendas, ainda que as referências narrativas e programáticas da obra sejam bastante difusas, dando lugar sobretudo a uma alusão de cariz poético e popular. Schumann tinha já composto, em 1840, o *Lied* “Im Rhein”, inserido no ciclo *Dichterliebe*, sobre um poema de Heinrich Heine. Contudo, a Sinfonia n.º 3 terá sido também marcada, em grande medida, pela visita à Catedral de Colónia: Schumann acrescentava um quarto andamento antes do *finale*, segundo descrição do próprio compositor, “com o carácter de uma procissão para uma cerimónia solene”, inspirado pela esplendorosa cerimónia de elevação do arcebispo de Colónia a cardeal.

Seguindo a linhagem da Beethoven (na sua Sinfonia n.º 6, “Pastoral”) ou de Berlioz

(na Sinfonia “Fantástica”), Schumann optou por dividir a sua “Renana” em cinco andamentos: “Lebhaft” (Vivo) em Mi bemol maior; “Sehr mässig” (Muito moderado), em Dó maior; “Nicht schnell” (Não rápido), em Lá bemol maior; “Feierlich” (Solene), em Mi bemol maior; “Lebhaft” (Vivo), em Mi bemol maior.

A obra tem início com um tema exuberante e glorioso, heróico até, que recorre eficazmente ao *tutti* orquestral, e a que se segue um segundo tema no oboé e no clarinete. Este primeiro andamento, “Lebhaft”, assenta numa forma sonata, sobre longos temas e ritmos sincopados. O segundo andamento, um “Scherzo”, trata-se de uma dança porventura inspirada nos *Ländler*, plena de elementos da música tradicional. Com o título inicial de “Manhã no Reno”, transporta-nos ondulantemente pelas águas correntes do rio. O terceiro andamento funciona como um interlúdio, com as madeiras e as trompas em gesto lírico sobre o acompanhamento das cordas. Segue-se o solene quarto andamento, “Feierlich”, em que Schumann evoca o passado musical que a imagem da Catedral de Colónia lhe proporciona: é caracterizado por uma trabalhada filigrana contrapontística de carácter coral (provavelmente em alusão a Bach), de grande subtileza, que termina numa série de acordes majestosos. O andamento “Finale” inicia com um tema de grande força rítmica, evocando danças e alegria popular, e causando grande contraste com a solenidade do andamento anterior — cujo motivo principal é, porém, lembrado antes de reaparecerem vários dos temas da sinfonia (nomeadamente o da Catedral) que desfilam na *coda*, em “Vivace”, numa celebração em fanfarra.

ROSA PAULA ROCHA PINTO, 2023*

*A autora não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Christian Zacharias direção musical

Christian Zacharias é um narrador entre os maestros e pianistas da sua geração. Em cada uma das suas interpretações elaboradas e claramente articuladas, mostra-se interessado no que está para lá das notas musicais. Com uma combinação única de integridade e singularidade, expressividade linguística brilhante, conhecimento musical profundo e instinto artístico firme, conjugada com um grande carisma artístico, impôs-se não só como um pianista e maestro de renome internacional, mas também como pensador musical. A sua carreira é marcada por inúmeros concertos aclamados com as principais orquestras e maestros, bem como vários prémios e gravações.

Desde 2021/22, é maestro convidado principal da Orquestra Ciudad de Granada, função que desempenhou também na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. É maestro associado da Orchestre National d'Auvergne Rhône-Alpes. Em 2020, foi nomeado maestro honorário da Filarmónica George Enescu de Bucareste. Dedica-se particularmente aos repertórios clássico e romântico, em concertos com a Orquestra Sinfónica de Gotemburgo, a Orchestra della Svizzera Italiana, a Orquestra Nacional de Toulouse, a Opern- and Museums-orchester de Frankfurt, a Filarmónica de Monte Carlo e a Orquestra de Câmara de São Paulo. É ainda convidado da Sinfónica de Boston, da Orquestra da Konzerthaus de Berlim, da Sinfónica de Bamberg, da Filarmónica de Estrasburgo e da Orquestra Nacional de Lyon.

Recitais de piano, que ocasionalmente fazem parte da sua preenchida agenda, levaram Christian Zacharias a percorrer a Europa, incluindo cidades como Paris, Londres, Madrid e Essen, bem como os festivais Schubertiade e Piano aux Jacobins em Toulouse. Apresenta

ainda palestras ao piano dedicadas a Schubert ou a Haydn.

Desenvolve um interesse especial pela ópera, tendo dirigido produções de *La Clemenza di Tito*, *As Bodas de Figaro* (Mozart) e *La Belle Hélène* (Offenbach). Dirigiu *As Alegres Comadres de Windsor* de Otto Nicolai na Ópera Real da Valónia, em Liège, uma produção que conquistou o Prémio da Europa Francófona 2014, atribuído pela Associação Profissional de Críticos de Teatro, Música e Dança de Paris.

Desde 1990, tem aparecido em vários filmes: *Domenico Scarlatti à Seville*, *Robert Schumann — der Dichter spricht* (INA, Paris), *Zwischen Bühne und Künstlerzimmer* (WDR-Arte) e *De B comme Beethoven à Z comme Zacharias* (RTS, Suíça). Gravou a integral dos concertos para piano de Beethoven (SSR-Arte).

Entre os muitos prémios que tem conquistado destaca-se o Midem Classical Award 2007 para Artista do Ano. O Governo francês atribuiu-lhe o título de *Officier dans l'Ordre des Arts et des Lettres*, e o seu contributo para a cultura na Roménia foi também premiado, em 2009. Em 2016, foi nomeado membro da Real Academia Sueca de Música. É doutorado honorário da Universidade de Gotemburgo desde 2017.

Como maestro titular da Orquestra de Câmara de Lausanne, fez gravações que conquistaram a crítica internacional. A integral dos concertos para piano de Mozart deu-lhe o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o ECHO Klassik Award. Destaca-se ainda a gravação da integral das sinfonias de Schumann. Depois de quase 20 anos, são lançadas pela MDG dois álbuns com partitas e suites de Bach, e sonatas de Haydn.

Entre 2015 e 2021, Christian Zacharias foi presidente do júri do Prémio Clara Haskil e, em 2018, desempenhou o mesmo cargo no Prémio Geza Anda, tendo dirigido o concerto final.

Tamás Bartók oboé

Tamás Bartók nasceu em Ozd, Hungria. Obteve o Diploma de Concerto em 1996, na Academia Ferenc Liszt em Budapeste, na classe de Emilia Csánky. Foi membro da Orquestra da Ópera Estatal Húngara entre 1992 e 1994. Tocou depois na Budapest Concert Orchestra durante um ano, até 1995. Desde essa altura e até 2008, foi oboé principal da Orquestra da Rádio Húngara. É membro da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde 2007, como primeiro oboé (Solista A). Colaborou com a Orquestra do Festival de Budapeste, os Solistes Européens Luxembourg (SEL) e a Orquestra Sinfónica Nacional RTÉ em Dublin. Em 2003 ganhou o Prémio NIVO da Rádio Nacional Húngara. Em 2016/17 tocou oboé principal na Orquestra Sinfónica da BBC em Londres e na Haydn Philharmonie em Eisenstadt. Tem-se apresentado nas principais salas de concerto do mundo (como solista e como primeiro oboé), entre as quais o Barbican Centre e o Royal Albert Hall em Londres, o Concertgebouw em Amesterdão, a Konzerthaus em Viena, o Suntory Hall em Tóquio, o Teatro Colón em Buenos Aires e o Carnegie Hall em Nova Iorque.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomárico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

Orquestra Sinfónica

Violino I

Álvaro Pereira
Ana Beatriz Manzanilla*
Radu Ungureanu
Emília Vanguelova
José Despujols
Vladimir Grinman
Maria Kagan
Andras Burai
Ilanina Khmelik
Alan Guimarães
Vadim Feldblioum
Evandra Gonçalves

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Catarina Martins
Domingos Lopes
Paul Almond

Viola

Pedro Meireles
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva
Catarina Gonçalves*
Rita Barreto*
Carolina Palha*
Maria Almeida*

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Michal Kiska
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Hugo Sousa

Trompete

Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Ricardo Pereira*
Nuno Martins

Tímpanos

Bruno Costa

*instrumentistas convidados

Operação Técnica

Iluminação

Diogo Barbedo

Palco

Alfredo Braga
José Vilela

Próximos concertos

09 SÁBADO 21:30 SALA SUGGIA

A Garota Não

promotor: Produtores Associados

09 SÁBADO 21:00 SALA 2

Ricardo Toscano 4teto toca Sassetti

Festival Bernardo Sassetti

promotor: Casa Bernardo Sassetti Associação Cultural

10 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Banda Sinfónica Portuguesa

Martin André direção musical

Coro da Academia de Música de Vilar do Paraíso

Obras de **Kenneth Hesketh**, **Adam Gorb** e **Philip Sparke**

10 DOMINGO 16:00 SALA 2

Carlos Azevedo 4teto + Neighbour Lizard

Festival Bernardo Sassetti

promotor: Casa Bernardo Sassetti Associação Cultural

10 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Contos de Natal

Coro Infantil Casa da Música e Meninos Cantores do Município da Trofa

Raquel Couto direção musical

Dalila Teixeira piano

12 TERÇA 21:00 SALA SUGGIA

Alexei Volodin & Claire Huangci

ciclo piano

Obras de **Wolfgang Amadeus Mozart**, **Sergei Rachmaninoff** e **Maurice Ravel**

13 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

José Cid + 7

promotor: Palmas ao Mundo

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

